



## A ESCRITA E O SER EM HIRONDINA JOSHUA: DESDOBRAMENTOS METAPOÉTICOS EM *OS ÂNGULOS DA CASA*

Olavo Barreto de Souza (UEPB)<sup>1</sup>

Ruth de Oliveira Bento (UEPB)<sup>2</sup>

Selton Lima de Oliveira (UEPB)<sup>3</sup>

**Resumo:** Em *Os Ângulos da Casa* (2016), os espaços casa e corpo são interligados pelos eu-líricos de Hironcina Joshua, ao tecerem sobre o feminino e a sexualidade. Para além dessas tocantes, notamos o viés metapoético transpassado na tessitura lírica da autora moçambicana. Por essas veredas, surge a hipótese de que o poema do *corpus* da pesquisa apresenta reflexões sobre o ser, sobretudo, feminino, e a escrita. Diante disso, propomos nesta leitura, analisar os desdobramentos da metapoesia em um dos poemas sem título presente na obra. Almejamos assim, verificar o discurso que perpassa as entrelinhas autorreflexivas da poetisa, apontando para as emergências reveladas a partir das leituras realizadas, em especial, sobre o feminino e o fazer poético. Para tal fim, recorreremos às contribuições teóricas que se debruçam sobre a autorreferencialidade da poesia, sendo estas previamente iniciadas por Sánchez Torres (1993) e Boichichio (2012), visando contribuir para a taxonomia da metapoesia.

**Palavras-chave:** Metapoesia. Lírica moçambicana. Hironcina Joshua. *Ângulos da Casa*.

**Abstract:** In *Os Ângulos da Casa* (2016), the spaces house and body are interconnected by Hironcina Joshua lyrical self, in weaving about the feminine and sexuality. In addition to these touching aspects, we note the metapoetic bias permeated in the lyrical fabric of the Mozambican author. Through these paths, the hypothesis arises that the poem of the research *corpus* presents reflections on being, above all, female, and on the act of writing. In view of this, we propose in this reading, to analyze the unfolding of metapoetry in one of the untitled poems present in the analyzed work. Thus, we aim to verify the discourse that permeates the self-reflexive lines of the poet, pointing to the emergencies revealed from the readings carried out, in particular, about the feminine and the poetic process. To achieve this objective, we resort to the theoretical contributions of the self-referentiality of poetry, previously initiated by X, Y and Z, aiming to contribute to the taxonomy of metapoetry.

**Keywords:** Metapoetry. Mozambican Poetry. Hironcina Joshua. *Ângulos da Casa*.

### 1 Introdução

Há muito pudor na escrita.

Há muito poder na escrita.

*Os ângulos da casa*, Hironcina Joshua

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, Brasil. E-mail: [prof.olavobsouza@gmail.com](mailto:prof.olavobsouza@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Letras - Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira/PB, Brasil. E-mail: [ruth.bento@aluno.uepb.edu.br](mailto:ruth.bento@aluno.uepb.edu.br).

<sup>3</sup> Graduado em Letras - Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira/PB, Brasil. E-mail: [selton.oliveira@aluno.uepb.edu.br](mailto:selton.oliveira@aluno.uepb.edu.br).



Ao refletirmos a respeito das literaturas em Língua Portuguesa, há uma tendência de recuperarmos primordialmente as, originalmente, produzidas na Europa e na América do Sul, visto que é nesses continentes em que se encontram os países falantes do português com mais destaque no mundo, sendo Portugal por sua posição de colonizador, e o Brasil, por seu grande número de produções literárias mundialmente reconhecidas. Se decidirmos nos aprofundar nos estudos dessas literaturas, no entanto, devemos voltar nossa atenção também às obras procedentes de outros países, uma vez que, dos nove países com o português como língua oficial, seis se encontram no continente africano.

Dentre as literaturas dos países africanos de Língua Portuguesa, aquela produzida em Moçambique caracteriza-se como uma das que possuem mais evidência, considerando o aparecimento de um maior número de autoras e autores com mais visibilidade nos últimos tempos, a título de exemplo, Paulina Chiziane, Lília Momplé e Mia Couto<sup>4</sup> são alguns dos que possuem maior notoriedade mundialmente e em África. Ao tratarmos da lírica, aparecem nomes como os de Noêmia de Souza, Lica Sebastião, Sónia Sultuane e Hirondina Joshua, a autora dos poemas que formam a *corpus* desta pesquisa.

Sendo ela uma dos 122 artistas do projeto brasileiro *Modernos & Ternos*<sup>5</sup>, a poetisa moçambicana Hirondina Juliana Francisco Joshua, um dos nomes da nova geração de escritores da Associação dos Escritores Moçambicanos, tem conquistado notoriedade com sua produção intimista. Nascida em Maputo, em 1987, Joshua teve sua estreia em 2016, com a publicação de *Os Ângulos da Casa*, obra que reúne poemas com temáticas que permeiam o feminino, o corpo e a identidade negra.

Para além desses temas, nota-se nas entrelinhas da autora uma atenção especial à criação literária e seu processo. Em uma linha tênue entre a lírica, expressão de sua interioridade, e a realidade, um olhar para o fora de si, Joshua produz textos que flertam com a metapoética para

---

<sup>4</sup> Esse reconhecimento internacional se dá, principalmente, pelos prêmios literários que essas/esse autor/as receberam nos últimos tempos. Paulina Chiziane, em 2021, foi contemplada com o Prêmio Camões, e em 2013, o mesmo prêmio foi destinado a Mia Couto. Trata-se de uma láurea oferecida pelos governos do Brasil e Portugal que objetiva premiar autores que “[...] contribuíram para o enriquecimento do patrimônio literário e cultural de sua língua comum”. (NACIONAL, 2022, n.p.). Lília Momplé, recebeu prêmios pelo reconhecimento de sua obra em seu próprio país, Moçambique, conforme indica Alós (2013).

<sup>5</sup> Reunião de diversos escritores contemporâneos que apresentaram obras em diálogo com artistas do Modernismo Brasileiro em homenagem ao centenário da Semana de Arte Moderna, de 1922. Hirondina Joshua, nessa ação, apresentou o poema “Migração do Ovo”, em diálogo com o poema “Pneumotórax”, de Manuel Bandeira, cujo mote é o verso “Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.” Essas produções podem ser consultadas em: <https://www.germinaliteratura.com.br/modernos22/122-modernos-e-ternos.htm>. Acesso em: 15 out. 2023.



enunciar, através de seu eu-lírico, os ecos da condição feminina, das nuances da sexualidade e a necessidade da língua, sobretudo, da arte.

Em vista disso, consideramos os apontamentos de Bochicchio (2012), visando analisar a construção lírica de Hirondina Joshua, em que observamos os desdobramentos da metapoesia e os sentidos revelados através dessa leitura direcionada, para, assim, ratificar a hipótese de que sua poesia entona suas percepções e reflexões a respeito do ser, enquanto artista e mulher no mundo das letras. Para atingir nossos objetivos, tomamos um dos poemas sem título, presentes na coletânea *Os Ângulos da Casa* (JOSHUA, 2016), como base de análise.

Para isso, organizamos nossa pesquisa a partir de um viés qualitativo, de caráter bibliográfico, buscando identificar e retomar as discussões já iniciadas sobre a metapoesia, aplicando-as à poesia de Hirondina Joshua. Consideramos importante a existência e o maior desenvolvimento de pesquisas na área da metapoesia, visto que são raros os estudos nesse campo. Buscamos, então, contribuir para a expansão dessa esfera de investigação literária, a fim, também, de promover e trazer mais evidência às literaturas africanas de Língua Portuguesa, em especial, à obra de Hirondina Joshua.

## **2 Literaturas da África de língua portuguesa e Hirondina Joshua**

O continente africano tem sido alvo de uma história homogeneizada por uma perspectiva colonizadora. Nesse viés, um olhar que condicionou a mansidão geográfica a solos mínimos de agruras. Contudo, com os avanços das leituras pós-coloniais, podemos observar uma diluição do imaginário restritivo acerca de África, assim, deixando a imagem da terra selvagem, primitiva e imersa em misérias e dando abertura às vivências, outrora mitificadas pelas lentes do *Outro*.

Por essas veredas, tais concepções negativas sobre África reverberaram, por muito tempo, na recepção e visão do continente em outros, tornando o acesso a suas reais singularidades algo distante. Todavia, com a flexibilização das informações e as investidas de conscientização para tais emergências, em especial no Brasil, tornou-se possível notar uma crescente atenção para essas entrelinhas.

Não obstante, podemos observar essa transição, da terra de lutas e dores às miríades da singularidade da vida humana, retratada em uma leitura panorâmica das produções literárias de África. Acreditamos que, talvez, para muitos leitores, devido aos estereótipos supracitados, a literatura africana resume-se a um espaço de reivindicações, representações de lutas contra a colonização ou até mesmo a não existência dessa literatura. Vozes poéticas como a de

---

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 nº 01 (2025): e12812

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.12812>



Hirondina Joshua traduzem, com sua singularidade, uma diferenciação no cenário das lutas que envolvem a expressão do literário - agora, sob uma perspectiva pós-colonial. Se por um lado, a tomada de consciência das ações colonialistas favorece uma poesia de confrontação, a da autora em foco trilha uma forma de expressão poética de retorno a si. Não vemos isso como um desvio, uma atividade reacionária, mas como um efeito das lutas, o novo cenário que dá continuidade, na literatura de Moçambique, aos elementos de um dizer sobre o humano, nas suas especialidades íntimas, inclusive sob a orientação da reflexão poética em sua escrita.

Ainda resultante das ampliações dos horizontes de expectativas sobre África, torna-se evidente não somente a existência dessa literatura, como também a dimensão multifacetada dessa ficção que extrapola qualquer possibilidade de resumo simplório. Pois, atualmente, o continente africano organiza-se em 54 países independentes permeados por 2000 línguas. Desse modo, já por esses fatores compreendemos que sintetizar as produções a um campo temático uniforme é, no mínimo, equivocado.

Dessa forma, visitar as literaturas africanas é contemplar construtos estético-literários heterogêneos, principalmente ao que diz respeito ao eixo temático, sobretudo, nas produções da década de 1950, uma vez que é partir desse momento que se observa o “amadurecimento de uma nova consciência dos problemas africanos.” (ALÓS, 2012, p. 229). Nesse contexto, vale salientar que o processo de amadurecimento da literatura mencionada não se refere ao esquecimento do efeito danoso da colonização, mas enuncia que essa memória assume outro espaço no tecido literário.

Numa direção diferente de outras produções literárias, a poesia de Joshua implica num gesto estético de diferença, em relação às poéticas de luta, marcadamente, como vemos ocorrer em textos de autoras de outras gerações, tais como de Noémia de Sousa, também moçambicana. Sobre essa perspectiva, Freitas (2019) assinala que existe uma focalização na liberdade de criação literária e defesa ideológica, na poesia da autora em estudo, “[...] que estrategicamente se utiliza de uma amenidade [em relação à] condição política de Moçambique a fim de tornar a literatura um espaço para discutir sobre a humanidade, [...]” (FREITAS, 2019, p. 47). Nisso reside a singularidade da poesia aqui investigada, por tratar de um ponto de vista que incide numa profundidade interior, em sondar as espacialidades íntimas. Se formos pensar no quadro epistemológico do pós-colonialismo, enquanto um projeto de tomada de consciência e interrogação do passado, como indica Santos (2010), o movimento de retorno ao interior de si intenciona verificar e expressar a humanização, o reconhecimento do íntimo como modo de comunicar o que a colonialidade perpetrou com seus modos de dominação. Se por um lado,

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 nº 01 (2025): e12812

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.12812>



vozes como Noémia de Sousa procuraram as vias poéticas como estratégia de luta, a autora de *Os ângulos da casa* busca as mesmas vias para uma luta diferente, a que traduz os afetos, o corpo poético da palavra e a consciência de tudo isso, num movimento interior.

Diante dessas considerações, percebemos o ponto de singularização da poesia de Joshua que rompe com padronizações homogêneas de uma África cativa de uma colonização. Contrariamente a isso, a ênfase na metapoesia, pela autora em estudo, como um dos estrados pelos quais sua poética está apoiada, marca a multiplicidade cultural da literatura africana, explorando temáticas e gestões criativas que vão além das lutas contra a colonização. A liberdade estética e ideológica presente nessa atividade literária não implica um apagamento da história ou uma denegação das lutas coloniais. Dizer o si-mesmo, olhar seu interior, representa uma forma de resistência, de reconhecimento do material humano que constitui os povos africanos, plasmados no curso da poesia em estudo.

### 3 A Poética da Poesia

Ocorreu uma revolução estética em meados do século XIX, estimulada pelos ideais do Romantismo, conforme indica Moser (2006). Resultante da movimentação narcisista do movimento, surge a possibilidade de criação artística a partir do plano significativo da própria arte. Assim, os românticos conseguiram afastar-se do comprometimento com a *mimesis* e passaram à *poïesis*, de modo que se instaurou nas produções uma autorreferencialidade.

A esse respeito, Moser (2006) comenta que “[...] o artista não copiará mais a *natura naturata*, a criação de Deus, enquanto mundo criado, mas a *natura naturans*, a criação de Deus enquanto poder criador” (MOSER, 2006, p. 47, grifos do autor). Desse modo, alimentou-se uma autonomia sob a criação artística a ponto de diluir-se a vaidade de uma realidade ficcional. Assim, as produções passam a assumir seu caráter de artefato, explicitando não somente o seu processo de criação, mas também apresentando um discurso crítico sobre sua própria gênese.

Na poesia, o que ocorreu foi que os poetas passaram a ter uma liberdade ainda maior com relação às configurações de suas estruturas líricas, em especial no século XX, com o surgimento dos movimentos pós-modernos. Diante dessa autonomia, observa-se uma necessidade de voltar-se à própria materialidade da poesia, resultando no que conhecemos atualmente como metapoesia, que é, portanto,

[...] a própria poesia que é questionada, nas suas matrizes culturais e referenciais, nos seus pressupostos e nos seus objetivos, no elenco de interpretações ou de enigmas que suscita, no que afirma explicitamente e no que supõe ou omite” (BOCHICCHIO, 2012, p. 155).



Na perspectiva de Sánchez Torres, a metapoesia vai além da refração de sua materialidade, trata-se de uma autoavaliação dos construtos multifacetados, que perpassam da crítica a uma escrita pessoal. Conforme ele,

[a] metapoesia, independentemente do elemento do processo poético em que se concentra sua reflexão sobre a poesia, pode não apenas se manifestar como uma investigação teórica sobre a poesia, mas também, muitas vezes, como exposição de uma poética pessoal, como manifesto ou declaração de princípios, como crítica literária ou como autocrítica<sup>6</sup> (1993, p.137, *tradução nossa*).

Nesse sentido, devemos compreender que a metapoesia pode revelar-se também enquanto um instrumento crítico, não só poético, permitindo a seu poeta (re)criar ou reafirmar sua condição e posição social. Essa autorreflexividade que permeia a obra lírica, alimenta a tríade (autor-texto-leitor) de leitura, pois convida o leitor para observar o texto de uma nova perspectiva.

Logo, para tal efeito, é comum que observemos modificações nas estruturas da poesia clássica. Paz (1984) considera este aspecto uma das marcas da lírica moderna, sendo para ele a “tradição da ruptura”, sendo essa a que permitiu que os poetas ampliassem os diálogos intertextuais e a estrutura de suas obras. Nesse ínterim, a lírica produzida por homens, valeu-se dessa liberdade para validar sua condição social e o seu valor artístico.

Por outro lado, quando se trata da poesia de autoria feminina, essa liberdade passou a ser um campo de reivindicação e atualização da figura outrora subjugada e estigmatizada pela ótica masculina. Em vista disso, propomos, a seguir, uma leitura da obra de Hirondina Joshua sob a perspectiva da metapoesia, observando os aspectos sobre o ser feminino e suas reverberações.

#### 4 Os ângulos poéticos de Hirondina Joshua

Publicado em 2016 e prefaciado pelo também moçambicano Mia Couto, *Os Ângulos da Casa*, primeira compilação dos poemas de Hirondina Joshua, percorre entre as temáticas do corpo, do ser feminino e da importância da língua e da escrita para quem a escreve. Com o

---

<sup>6</sup> La metapoesia, independentemente del elemento del proceso poetico en el que se focalice su reflexion sobre la poesia, no solo puede manifestarse como indagacion teorica sobre la poesia, sino tambien, muchas veces, como exposicion de una poetica personal, como manifesto o declaration de principios, como critica literaria o como autocritica. (1993, p.137).





objetivo de investigar a presença da metapoesia na escrita da poetisa moçambicana, selecionamos um dos poemas sem título presentes na obra. Discorreremos algumas de nossas reflexões sobre ele na subseção a seguir.

#### 4.1 Poema sem título

Iniciamos nossa análise a partir de um dos poemas que se encontram sem título na obra. Nesta leitura, observamos um eu-lírico feminino que compartilha sua angústia para com a escrita, incitada devido à linha tênue entre a necessidade e as dores desse processo íntimo que se revela a escrita.

Seguindo por essa inquietação do feminino e o fazer literário, recuperamos o agravante histórico de que a escrita, em especial, a literária, foi negligenciada às mulheres devido às hierarquias e as raízes patriarcais cristalizadas por anos na história da humanidade. Podemos verificar que, independente do espaço ou período histórico, a escrita feminina nunca ocorreu com plenitude, comparada ao deleite do escrever masculino. Resultante disso, por muito tempo, as vozes femininas encontradas na literatura partiam da ótica mitificada masculina, produzindo representações, por muito das vezes, regadas pelos preceitos.

Essa construção tem sido reforçada desde a Antiguidade, como considera Linda Lewis (2003), por meio do esforço masculino de valer-se de mitos, de metáforas e outras ferramentas para reforçar seu caráter criativo (criador), condicionado a figura feminina ao plano de criação, ou seja, assumindo um espaço secundário ou, por vezes, antagônico. Assim,

[n]o mito que Adão chamou, Eva foi nomeada; Pigmalião foi escultor, Galatea, esculpida. Ele era o significante; ela é o significado. [...] O artista é Ícaro, subindo em direção aos céus. O artista é Fausto, fazendo um pacto com as forças das trevas em troca do presente. O artista é Prometeu, roubando o fogo da criação reservado apenas aos deuses. A mulher, no entanto, carecia de um grande mito para estabelecê-la como criadora / inventora / *heaven-stormer*: Pandora e Eva só liberaram o mal no mundo, e a deusa da sabedoria, Atena, enquanto patrona dos artesãos, representava o patriarcado na guerra e a civilização Estado - organização que excluía as mulheres terrenas<sup>7</sup> (LEWIS, 2003, p. 2, *tradução nossa*).

---

<sup>7</sup> In myth Adam named, Eve was named; Pygmalion was sculptor, Galatea, sculpted. He was the signifier; she the signified. [...] The artist is Icarus, soaring upward toward the very heavens. The artist is Faust, making a pact with the forces of darkness in exchange for the gift. The artist is Prometheus, stealing the fire of creation reserved for the gods alone. Woman, however, lacked a major myth to establish her as creator/maker/heavenstormer: Pandora and Eve only let loose evil in the world, and the wisdom goddess Athena, while patron of artisans, represented the patriarchy in war and the civic state—enterprises that excluded earthly females. (LEWIS, 2003, p. 2)



Contudo, com os avanços nas lutas pela equidade de gênero, a partir do século XIX, conseguimos observar uma reivindicação feminina do direito à escrita. Sobretudo nos países de África que conseguiram sua independência, esse espaço, ora refém das lentes masculinas e colonizadoras, passa a ser para as mulheres escritoras uma possibilidade de reescrita da própria história, libertando-se da visão do *outro*.

A partir das considerações acima, apresentamos abaixo o poema da página 77, da obra. Continuamente, na interpretação, pontuamos considerações de leitura sobre trechos selecionados:

\*

Não escrevo para ser vista, escrevo para não ser vista. O  
desassossego me embrulha.  
Mas, não será a escrita a pior nudez?  
Estou nua todos os dias que a grafia me busca.  
A Lua entre os dedos, a maçã numa alusão indescritível.  
Há muito pudor na escrita.  
Há muito poder na escrita.  
A pele fresca canta e se impõe a uma tal leveza superior inigualável.  
A abundância da supremacia.  
No osso que sai à carne para junto da pupila engrandecer o século.  
A veia apagada, essencial faz o seu trabalho ginástico no peso do  
músculo.  
Estou nua sempre que o verso me chega.  
Sou nua sempre o verbo me cega.  
A luz. O despropósito avança ao domínio de qualquer coisa vestida  
e arrebatadora.  
A nudez é nua. Para os que têm olhos. A nudez é vaidosa para os  
que querem ver mais do que podem ver.  
E a escrita? Deambula de quarto em quarto na casa do agente, a  
palavra vaga estreita e delgada no caminho da descoberta.  
Há pudor e há poder.  
— E agora acredito: “quem fabrica um peixe, fabrica duas ondas...”

(JOSHUA, 2016, p. 77).

Seguindo por essas veredas, na poesia em questão, de Hironidina Joshua, o que temos no eixo temático é justamente um reflexo desse movimento emancipatório da escrita feminina. Esse processo enuncia sua efervescência e intimidade com a escrita, de modo que a própria poesia torna-se matéria de si. Na voz lírica, nos primeiros versos, lemos:

Não escrevo para ser vista, escrevo para não ser vista. O  
desassossego me embrulha.  
Mas, não será a escrita a pior nudez?  
Estou nua todos os dias que a grafia me busca (JOSHUA, 2016, p. 77).

Desse modo, já nos primeiros versos, observamos uma questão hamletiana ser atualizada, pois não mais se trata de um ‘ser ou não ser’ em viés existencialista das aflições do





príncipe dinamarquês. Agora, a questão remonta o frenesi do eu-lírico que questiona sobre o poder invasivo da escrita e como ela dilui a ideia de privacidade ou de particularidade. Há uma ironia nessas reflexões, pois no tentame de não ser vista, expõe sua maior intimidade através da grafia. Consoante as considerações de Texeira (2008) sobre a escrita feminina, visto que para a pesquisadora:

[u]ma escrita feminina centra-se na relação cultural de mulheres em sociedade. Não é a escrita que simplesmente fala de mulheres, pois homens sempre escreveram sobre mulheres, sem necessariamente produzirem uma escrita feminina. A escrita feminista busca o menor, o microscópico, perpassa pela leveza estranha, pela delicadeza trágica, a sua política é a da subjetividade (TEIXEIRA, 2008, p. 42).

No último verso da citação acima, observamos uma aproximação sutil do eu-lírico da própria poetisa ao apontar o ato de grafar, possibilitando uma leitura pelas lentes autorreferenciais e reforçando o tom intimista que envereda as entrelinhas de toda a obra. Ainda sobre as possibilidades, conseguimos identificar no poema, referência a uma das maiores obras de língua portuguesa, *O livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, assinada pelo semi-heterônimo Bernardo Soares. Esse diálogo intertextual, além de ser recorrente nas construções autorreferenciais, chama a atenção para a estrutura fragmentária que se encontra o eu-lírico.

Ainda à luz dessas possibilidades intertextuais, podemos considerar que essa recuperação à obra de Fernando Pessoa instaura sobre a leitura da poesia de Hírdina Joshua uma perspectiva de diário, bem como ocorre com as entradas de Bernardo Soares. Assim, ao considerarmos essa perspectiva, notamos uma duplicação da materialidade do texto, visto que

o diário define-se pela crença em um eu soberano que o diarista busca conhecer e consignar no papel, a fim de perceber-se como um todo unitário. (...) o diarista termina por ver-se desdobrado entre sujeito e objeto do seu discurso e duplamente personagem, enquanto escritor e enquanto matéria do diário, o qual se revela insincero desde o início como toda a escrita (MIRANDA, 1992, p. 114).

Nesse sentido, se compreendermos a escrita lírica como uma produção confessional de um diário, ou seja, a maneira particular com a qual o eu-lírico materializa suas inquietações súbitas e diárias, teremos uma construção prismática. O fazer poético desdobra-se entre sujeito e objeto da poesia, o eu-lírico enuncia o discurso, da mesma maneira que se torna matéria ficcional de sua construção, de modo que “se espelha em sua escritura para reconhecer-se, para assumir um ponto de vista a respeito de si mesmo, como se observasse a outro” (OLMI, 2005, p. 38).



Nessa possibilidade de um hibridismo textual, a arte apresenta-se como um local de refúgio para as implicações psicológicas e a perplexidade existencial, em razão de que “o êxtase estético é o que preenche, fornece, finalmente dá essa substancialidade que falta ao indivíduo perdido nos labirintos de uma subjetividade problemática”<sup>8</sup> (MONTANDON, 1986, 29, *tradução nossa*).

Desse modo, Hironidina Joshua elabora tessituras ficcionais que entrelaçam a ficção com linhas críticas e autoconscientes. Com este recurso, sua poesia revela-se além do seu poder artístico, uma força política, pois se faz presente nas vozes poéticas de seu texto uma celebração à língua, que aponta para sua imponência, bem como para suas cicatrizes, como podemos observar no recorte seguinte:

A Lua entre os dedos, a maçã numa alusão indescritível.  
Há muito pudor na escrita.  
Há muito poder na escrita.  
A pele fresca canta e se impõe a uma tal leveza superior inigualável.  
(JOSHUA, 2016, p. 77).

Com efeito, nota-se a relação estabelecida entre a língua e o poder para a autora. Na construção que há, simultaneamente, *pudor* e *poder* na escrita, nos guiamos a uma leitura de como a língua do colonizador domina e passa a se fazer necessária para haver uma mínima visibilidade à produção realizada em territórios antes colonizados. Já o pudor pode vir da forma como o texto é construído, do cuidado tomado ao se produzir um poema com suas reflexões sobre as vivências do feminino, do ser artista, utilizando-se de uma linguagem de conotação para envolver suas considerações sobre a vida.

Ainda sobre essa relação de poder, retomamos a referência intertextual presente no início do poema. Os escritos de maior prestígio, os que podem ser referenciados, são aqueles produzidos pelos artistas homens provenientes do território dominador, que fez com que sua própria língua prevalecesse, em detrimento daquelas já existentes e utilizadas pelo povo colonizado. Também neste poema, identificamos a citação de um verso de outro poema de expressão portuguesa, de autoria de Herberto Helder, de origem lusitana, reforçando a noção de prevalência da língua dominadora.

Além disso, propomos uma reflexão sobre como o ‘cantar’ nos direciona a pensar na importância da oralidade e musicalidade para a cultura africana como resistência. A literatura

---

<sup>8</sup> L'extase esthétique est ce qui comble, meuble, donne enfin cette substantialité manquante à l'individu perdu dans les labyrinthes d'une subjective problématique (MONTANDON, 1986, 29).



africana como um todo, só passou a ser escrita e publicada a partir da segunda metade do século XX, mas era através da música e da oralidade que suas histórias puderam ser difundidas e passadas entre as gerações. Assim, Hirondina Joshua celebra a escrita, mas também as outras artes.

Em adição às reflexões do processo de escrita, também expõe as propriedades de uma atividade dolorosa e árdua para si, no recorte que segue abaixo:

A abundância da supremacia.  
No osso que sai à carne para junto da pupila engrandecer o século.  
A veia apagada, essencial faz o seu trabalho ginástico no peso do músculo.  
Estou nua sempre que o verso me chega.  
Sou nua sempre o verbo me cega. (JOSHUA, 2016, p. 77).

Como apontado, a escrita é como uma atividade física, não meramente intuitiva. Sabemos que a escrita também é uma tecnologia, desse modo ela aponta para esse caráter “físico” da escrita, atentando o leitor ao processo árduo reforçado pelo campo semântico que reforça o movimento visceral, que parte não somente da alma, mas do corpo. Uma construção maniqueísta entre a voracidade do “osso que sai à carne” contraposta à imagem da pura nudez. São ambas imagens de evidenciação, da influência da escrita sobre seu ser interior, e de seu ser físico.

Ao dar continuidade à leitura, ainda verificamos que para a voz do texto, qualquer ação que não envolva a arte, a lírica, a ficção, não possui propósito. Sentir-se exposta através de sua língua, das palavras, é o que lhe dá prazer e finalidade à vida. A vaidade da nudez diz da beleza de utilizar-se de sua escrita para mostrar a quem observa, que o belo, ou a própria arte da escrita, deve ser percebida e contemplada.

A luz. O despropósito avança ao domínio de qualquer coisa vestida e arrebatadora.  
A nudez é nua. Para os que têm olhos. A nudez é vaidosa para os que querem ver mais do que podem ver.  
E a escrita? Deambula de quarto em quarto na casa do agente, a palavra vaga estreita e delgada no caminho da descoberta. (JOSHUA, 2016, p. 77).

O verso ‘deambula de quarto em quarto na casa’ remonta o título da obra e a construção de toda a obra, que, conforme as leituras de Silva e Ribeiro (2019), sabemos que por meio de uma linguagem metafórica, Hirondina Joshua entrelaça o espaço-casa ao corpo feminino.



Assim, esse caminhar pelos cômodos trata-se de um processo de autoconhecimento, de identificação e de descobertas. Nos versos finais, lemos:

Há pudor e há poder.  
— E agora acredito: “quem fabrica um peixe, fabrica duas ondas...”  
(JOSHUA, 2016, p. 77).

Por fim, o eu-lírico parece encontrar a resposta de uma inquietação instaurada devido a um discurso presente em outra lírica. Assim, temos, novamente, uma mediação intertextual, dessa vez apresentada de maneira explícita. No referido poema, há também a exposição da escrita como algo essencial à vida. E, como comenta Níncia Teixeira, “[a] literatura produzida por mulheres é [...] que se diferencia por meio do ponto de vista, de temas abordados, [...] do meio social da qual se origina e das condições antropológicas, socioeconômicas e culturais”. (2008, p. 48).

Dessa forma, a poesia sem título de Hírdina Joshua ecoa através do eu-lírico como uma resposta em concordância às assertivas do texto-fonte, que outrora não aceitava com tanta integridade. Agora, ao compreender o eu-lírico de Helder, acrescenta sua perspectiva enquanto mulher e escritora que parte de condições distintas.

## 5 Considerações finais

Observamos neste artigo científico, a possibilidade de leitura da obra *Os Ângulos da Casa* (2021), de Hírdina Joshua, à luz da teoria metapoética. Para tal, inicialmente, analisamos a sua estrutura observando a construção autorreferencial, em paralelo, no campo temático, atentemo-nos às nuances voltadas à escrita e as questões de ser mulher-escritora.

Para tal, organizamos nossa pesquisa, intitulada *A escrita e o ser em Hírdina Joshua: desdobramentos metapoéticos em Os Ângulos da Casa*, por um viés descritivo-interpretativo, de caráter bibliográfico, a partir dos questionamentos estimulados por Sánchez Torres (1993) e Boichichio (2012) acerca da metapoesia.

Logo, para essa constatação apontou que a poesia de Hírdina Joshua, através da voz poética, aponta para a arte, em especial a escrita, como espaço de refúgio, íntimo e doloroso, resultando possivelmente em uma reivindicação do espaço que por muito tempo tem sido masculino e distante do universo feminino.

Essa afirmação reforça que a metapoesia produzida por Hírdina Joshua, não é



somente estética, mas apresenta uma renovação na concepção de mulher-escritora contemporânea. Ressaltamos, aqui, que a figura feminina nas artes tem sido suprimida a espaços secundários ou antagônicos ao masculino nas representações ficcionais. Em *Os Ângulos da Casa* (2016), podemos observar um avanço nessa perspectiva.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem as poesias e as metapoesias contemporâneas, em especial, as produzidas em autoria feminina em África. Esperamos que esta proposta possa contribuir para indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outros pesquisadores.

## 6 Referências

ALÓS, Anselmo Peres. Uma voz canonizada a contrapelo: a poética de Noémia de Sousa.

**Revista Diadorim**, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7951>. Acesso em: 14 mai. 2023.

ALÓS, Anselmo Peres. Uma leitura a contrapelo do colonialismo em terras moçambicanas.

**Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 398–402, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100021>. Acesso em: 23 abr. 2023.

AMORIM, Bernardo Nascimento de. O local e além: as poéticas em trânsito de Paula Tavares e Conceição Lima. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 38, p. 221-250, dez. 2020. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/163663>. Acesso em: 14 dez. 2022.

BOCHICCHIO, Maria. Metapoesia e crise da consciência poética. **Biblos: Revista da**

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, p. 155-172, 2012. Disponível em:

[https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/32283/1/BiblosX\\_artigo7.pdf?ln=pt-pt](https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/32283/1/BiblosX_artigo7.pdf?ln=pt-pt). Acesso em: 29 nov. 2022.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. Hirondina Joshua e a poesia moçambicana de autoria feminina contemporânea. In: PINHEIRO, Vanessa Rimbau. **Estudos africanos: vozes literárias da contemporaneidade**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

HUTCHEON, Linda. **Narcissistic Narrative: The Metafictional Paradox**. Waterloo, Ontario: Wilfrid Laurier University Press, 1980

JOSHUA, Hirondina. **Os ângulos da casa**. Guaratinguetá: Penalux, 2016.

LEWIS, Linda M. **Germaine de Staël, George Sand and the Victorian Woman Artist**.

University of Missouri Press, 2003.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos**: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Ed. da UFMG, 1992.



MONTANDON, Alain. Le roman romantique de la formation de l'artiste. **Romantisme**. v. 54, p. 24-36, 1986. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/roman\\_0048-8593\\_1986\\_num\\_16\\_54\\_4841](https://www.persee.fr/doc/roman_0048-8593_1986_num_16_54_4841). Acesso em: 12 dez. 2022.

MOSER, Walter. As relações entre as artes: por uma arqueologia da intermedialidade. **Aletria: Revista de estudos de Literatura**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 42–65, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18070>. Acesso em: 23 abr. 2023.

NACIONAL, Fundação Biblioteca. Prêmio Camões de Literatura 2022. **Fundação Biblioteca Nacional**. Disponível em: <https://www.gov.br/bn/pt-br/assuntos/noticias/premio-camoes-de-literatura-2022>. Acesso em: 14 abr. 2023.

OLMI, Alba. O arquivo das ausências: aspectos e funções da escritura autobiográfica feminina. **Signo**. Santa Cruz do Sul, Centro de Estudos e Pesquisas Lingüísticas e Literárias, UNISC, v. 30, n. 48. 2005. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/13887>. Acesso em: 14 abr. 2023.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**: do romantismo à vanguarda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SÁNCHEZ TORRES, Leopoldo. **La poesía en el espejo del poema**: la práctica metapoética en la poesía española del siglo XX. Departamento de Filología Española, Universidad de Oviedo, 1993.

SANTOS, Eloína Patri dos Santos. Pós-colonialismo e Pós-colonialidade. In: FIGUEIREDO, Eurídice. **Conceitos de Literatura e Cultura**. 2ª ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010.

SILVA, Jairo da Silva; RIBEIRO, Maria D'ajuda Alomba. Os ângulos que habita em mim: a poética de Hírdina Joshua. **Mulemba**, v. 11, n. 21, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/31271>. Acesso em: 12 dez. 2022.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade**: cenas paranaenses. Guarapuava, PR: Unicentro, 2008.